

# O USO DO PRINCÍPIO ANALÓGICO EM CRIAÇÕES LEXICAIS REALIZADAS POR CRIANÇAS: UM ESTUDO DE CASO

*The use of the analogy principle in lexical creations  
made by children: a case study*

Thyago José da Cruz<sup>1</sup>

Simone Lima Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa consiste em um estudo de caso que mostra que, por meio da analogia, uma criança de 4 anos, ainda que tenha um conhecimento léxico e gramatical limitado, consegue realizar criações lexicais utilizando associações com palavras já conhecidas. Entendemos que a formação de palavras na língua portuguesa pode ser explicada pelo princípio da analogia (MARONEZE, 2008, 2011; BASÍLIO, 2016), segundo o qual as unidades lexicais são construídas pela associação, tanto fônica quanto semântica, com unidades lexicais já existentes. Os dados foram coletados em um período de 6 meses através da observação do cotidiano da criança, que realizava uma criação lexical quando desconhecia uma palavra que poderia ser usada de maneira adequada em sua comunicação. Por meio dos exemplos citados nesta pesquisa pode-se observar as associações realizadas pelo falante, como *chafarar* (= jorrar água [o chafariz]), criada por analogia a verbos como *martelar*, *serrar* e *ventilar*.

---

<sup>1</sup>Doutor em Letras (PPGLETRAS- UFMS). Professor Adjunto (FAED/ UFMS). ORCID: 0000-0001-5562-8485. E-mail: thyago.cruz@ufms.br

<sup>2</sup>Licenciada em Letras (UFMS). Mestranda em Linguagens (UFMS). ORCID: 0009-0001-1280-5063. E-mail: simone.ferreira@ufms.br

**Palavras-chave:** Analogia; Morfologia; Lexicologia.

*ABSTRACT: This research consists of a case study that shows that, through analogy, a child of 4 years, although he has a limited lexical and grammatical knowledge, can perform lexical creations using associations with words already known. We understand that the formation of words in Portuguese can be explained by the principle of analogy (MARONEZE, 2008, 2011; BASÍLIO, 2016), according to which the lexical units are built by the association, both phonic and semantic, with existing lexical units. The data were collected in a period of 6 months through the observation of the child's daily life, who resorted to a lexical creation when he was unaware of a word that could be used appropriately in his communication. Through the examples cited in this research one can observe the associations made by the speaker, such as *chafarar* 'to splash water [the fountain]', created by analogy to verbs like *martelar* 'to hammer', *serrar* 'to saw' and *ventilar* 'to ventilate'.*

*Keywords: Analogy; Morphology; Lexicology.*

## Considerações iniciais

O presente artigo é fruto dos conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina de “Morfologia e Etimologia”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o que permitiu refletir sobre processos de criação lexical por analogia, e de observações das palavras ditas por uma criança entre seus 4 anos e 4 anos e 6 meses, emitidas de maneira espontânea no cotidiano familiar.

Ao observar a criança do presente estudo de caso, percebeu-se que mesmo com um conhecimento lexical e estrutural da língua restrito, é possível que uma criança, consiga realizar criações lexicais, através do Princípio Analógico, que segundo Maroneze (2008) é o “modelo saussuriano de Morfologia”, em que a “formação de palavras se dá por analogia, estabelecendo relações associativas com palavras já existentes na língua” (MARONEZE, 2008, p. 3).

Este estudo traz uma breve reflexão sobre a linguagem humana, e a linguagem humana infantil. Para teóricos como Saussure e Vygotsky a linguagem humana possui um lado individual, e também um lado social, e apesar de ser uma atividade desenvolvida desde os primeiros meses de vida, depende de muita inteligência para ser praticada.

Na sequência, discutimos sobre a criação lexical por analogia, modelo de criação lexical proposto por Saussure (2006), e discutido por Maroneze (2008,

2011) e Basílio (2016). Por fim, apresentamos exemplos de criações lexicais criadas por uma criança através do uso inconsciente do Princípio Analógico.

## A linguagem humana

É por intermédio da linguagem que os seres humanos se comunicam: “a linguagem tem origem na necessidade de comunicação, ou seja, os homens criam e fazem uso dos sistemas de linguagem para se comunicarem entre si” (MIRANDA, 2005 p. 22), sendo a comunicação uma das funções da linguagem.

A linguagem é utilizada desde os primeiros meses de vida, sendo que “o uso da linguagem é um dos meios mais complexos da manifestação da inteligência do ser humano, pois essa ação permite que os pensamentos sejam compartilhados”, (DAMÁSIO, 1994 apud LIMA *et al*, 2020, p. 4); desse modo, podemos manter relações pessoais e viver em comunidade.

Segundo Saussure (2006, p. 16), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Por meio da linguagem, temos a capacidade de adquirir a cultura do meio em que estamos inseridos: é o lado social da linguagem. “A linguagem é imprescindível para a vida em sociedade. Ela está intrinsecamente ligada à maneira como nos relacionamos socialmente com outras pessoas, onde a forma como acontece essa interação é definida socialmente” (LIMA *et al*, 2020, p. 5).

Assim, como nos afirma Laraia (2007, p. 45), “o homem é o resultado do meio em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Homens e mulheres carregam consigo ensinamentos, e traços culturais de seus ascendentes apreendidos pelo contato social, primeiramente familiar e depois em grupos sociais maiores, como a comunidade escolar em que a criança começa ainda nos primeiros anos de vida.

Enquanto a linguagem é a abstração que permite comunicarmos, a língua nos possibilita exercer a linguagem. Como nos afirma Bezerra (2013 p. 4), “a língua é uma convenção resultante de um acordo entre os seus usuários é social, registrada passivamente, psíquica, soma de marcas em cada cérebro e modelo coletivo”. Desse

modo, a língua nunca pode ser pensada de maneira individual, antes de tudo deve ser pensada de maneira social.

Segundo Radaelli (2011), baseada em Vygotsky, “a aprendizagem se inicia muito antes da criança entrar na escola, através de suas experiências cotidianas, no contato com as pessoas, com seu meio, com sua cultura” (2011, p. 4). O ambiente familiar é o primeiro espaço de aprendizagem humano.

Sobre esse ponto, Oliveira acrescenta:

No processo de aquisição de linguagem, a criança primeiramente utiliza a fala socializada com a função de comunicação, contato social. Em fases mais avançadas de sua aquisição, porém, a linguagem, utilizada inicialmente para intercâmbio com outras pessoas é internalizada, e passa a servir ao próprio indivíduo. (OLIVEIRA, 2019, p. 127)

Como vimos acima, a linguagem tem dois lados, um social e um individual, sendo que, “a linguagem infantil não tem autonomia nem funciona fora da linguagem social” (MIRANDA, 2005, p. 25). A autora diz ainda que, “os grupos culturais oferecem, portanto, um contexto estruturado, com elementos carregados de significado, os quais não são incorporados de forma passiva pelos indivíduos e, sim, por processos ativos que os reconstroem e reelaboram” (MIRANDA, 2005, p. 20), como podemos observar na atitude da criança com a realização das criações lexicais.

## **A criação de Palavras**

Em Basílio vemos que:

Existem pelo menos três proposições definidas para a representação do fenômeno das relações lexicais e formação de palavras. A primeira é a do estruturalismo americano, em que itens lexicais são concatenações morfêmicas. Na segunda, implícita no tratamento da gramática tradicional e em uso corrente explícito na teoria gerativa, o léxico tem um componente de Regras de formação de Palavras, que operam sobre palavras previamente existentes, interpretando sua estrutura e/ou formando novas palavras. A terceira possibilidade é o princípio clássico da analogia, proposto por Saussure para o tratamento das relações e produtividade lexical. (BASÍLIO, 2016, p. 9)

Para este trabalho, usamos a proposição do Princípio Analógico de criação de palavras, por acreditar que as palavras analisadas a seguir, foram criadas por analogias. Segundo Saussure, “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (2006, p.187). A esse respeito, Maroneze acrescenta que é uma “‘comparação inconsciente’ com palavras já depositadas ‘no tesouro da língua’, armazenadas ‘de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas’”, (MARONEZE, 2008, p. 7).

Desse modo, mesmo que a língua já apresente um signo linguístico com o significado que expresse o que a criança tem a intenção de expressar, essa por ainda não ter adquirido um conhecimento lexical tão diversificado como o de um adulto, pode utilizar do Princípio Analógico para a criação de novas palavras que venham suprir essa carência. Cabe salientar que, “ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominada neologismo” (ALVES, 2016, p. 5). Logo, a criança utiliza o Princípio Analógico (doravante PA) para criar um neologismo.

Para a construção de uma forma por PA, o mínimo necessário é o conhecimento prévio de duas palavras que tenham uma parte em comum, de modo que, pela subtração da parte em comum, possamos inferir a significação/função da outra parte; ou então o conhecimento de uma única palavra, tendo uma das partes em comum com idêntico significado em muitas outras, de tal modo que, pelo mesmo processo, possamos inferir o significado e estrutura da parte desconhecida (BASÍLIO 2016, p. 12)

Embora o falante tenha apenas 4 anos de idade, e não possua um conhecimento lexical e gramatical tão diversificado, como o de um indivíduo adulto, possui capacidade de realizar uma criação lógica de pensamento, para que se consiga formar uma palavra por meio do Princípio Analógico, como nos exemplos que veremos a seguir.

Segundo Rocha (1998, p. 36) “o conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua facultar-lhe-á fazer uma série de generalizações a respeito desse léxico”. Desse modo, usando o conhecimento lexical já adquirido, e realizando “comparações inconscientes” com os significados e significantes ali existentes, a criança por analogia “cria palavras”, pois “a língua humana é livre de controle de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre

expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações” - é o que nos afirma Chomsky (1972) (*apud* Rocha, 1998, p.47).

Segundo Basílio (2016, p. 11) “o PA serviria não apenas para dar conta da produtividade lexical, mas também da criatividade”. Criatividade essa que pode ser usada na literatura, em que são feitas construções neológicas, com o objetivo de causar algum efeito que o uso do léxico disponível não causaria no leitor, através da linguagem literária, mas também que pode ser usada por crianças, momento em que, por estar conhecendo o mundo, o ser humano usa de grande criatividade para preencher as lacunas que seu conhecimento não lhe permite compreender.

## Metodologia

O presente estudo de caso foi realizado com base na leitura das bibliografias supracitadas e na observação das palavras proferidas por uma criança do sexo masculino entre a idade de 4 anos a 4 anos e 6 meses. Essa criança em questão não tem irmãos. Outro aspecto importante a ser destacado é que, devido ao contexto pandêmico, dos dois anos até os 4, teve pouco contato social com outras crianças ou com adultos fora do contexto familiar. Começou a frequentar a escola regular pública aos 4 anos e 3 meses.

As palavras analisadas a seguir foram articuladas pelo falante em situações cotidianas, que, ao buscar em sua memória palavras para comunicar aquilo que desejava, não as encontrando, acaba por criar um item lexical através do Princípio Analógico.

Os falantes, mesmo as crianças, podem realizar criações lexicais, “sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica” (ALVES, 2007, p.6). Desse modo, caso a forma lexical criada pela criança corresponda a um item que ainda não esteja presente na língua, este pode ser considerado um neologismo. O intuito deste trabalho não é analisar se a palavra dita pela criança é ou não um neologismo, mas sim demonstrar o uso do Princípio Analógico em criações lexicais infantil.

Como afirma Saussure,

É, pois, um erro acreditar que o processo gerador só se produza no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados. Uma palavra que eu improvise, tal

como *in-decor-ável* já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como *decor-ar*, *decor-ação*: *perdo-ável*, *manej-ável*: *in-consciente*, *in-sensato* etc., e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la. Em resumo, a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-la em seguida. (SAUSSURE, 2006, p. 193)

Os itens lexicais criados foram os seguintes: **desengordar**, **deslembrar**, **milkshakeria**, **lancheira**, **peitoso**, **chafarar**. Sabemos que “o léxico é constituído então por formas fixas e por padrões que permitem gerar novas formas” (RIO-TORTO, 2013, p. 83). Desse modo, os falantes usam as formas fixas e os padrões conhecidos para formar novas formas, ainda que não seja a forma convencional na língua.

Em criações lexicais realizadas por analogia com palavras já conhecidas, Saussure nos diz que “toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 2006, p. 192). Tendo isso em mente, a seguir, veremos as relações sintagmáticas e associativas realizadas pela criança para formar novos itens lexicais.

## I- Verbos **desengordar** e **deslembrar**

O verbo **desengordar** foi falado quando a criança queria que a mãe fizesse determinada atividade física, então diante da recusa da mãe, o filho disse “*você precisa desengordar para brincar comigo*”. O verbo **deslembrar** foi dito pela criança quando assistia ao filme “Pixels” (2015), no momento em que o personagem de videogame Pacman é encarado pelo seu criador Tōru Iwatani. Pacman demonstra inicialmente se recordar dele. Todavia, logo em seguida, come o braço de seu criador. Diante disso, a criança disse “*olha! O Pacman lembrou, mas depois deslembrou*”.

Segundo Maroneze (2011, p. 20) “a criação lexical ocorre para que os falantes possam exprimir algo que ainda não tem um meio adequado para tal”. Assim, mesmo que já existam palavras em oposição semântica para **engordar** e **lembrar**, que seriam respectivamente **emagrecer** e **esquecer**, no momento em que deveriam ser usadas por parte do falante, por não ter conhecimento de tais palavras ou por não se recordar

no ato de fala, recorre ao processo de criação de palavra-e-paradigma para ter eficiência em sua comunicação.

Desse modo, os verbos **DESENGORDAR** e **DESLEMBRAR** são criados por analogia com outras palavras que apresentam o prefixo **DES-**: “o prefixo *des-*, associado a bases verbais, tem valor reversativo (cf. *desabotoar*, *desativar*, *desconvocar*, *desmontar*) e/ou extrativo (cf. *desflorestar*, *destronar*) e/ou negativo (cf. *desobedecer* ‘não obedecer)’ (RIO-TORTO, 2013, p. 431). Nesse caso, a criança usou o prefixo com o valor reversativo. Vemos em Alves (2007, p. 14) que “a derivação prefixal é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significantes: grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição”.

Certamente a criança fez analogia de **desengordar** e **deslembiar** com palavras que já conhecia e que possuem o prefixo **des-**, como **desobedecer**, (quando a mãe repreende e fala que não pode fazer determinada coisa e então a criança insiste em fazer e a mãe fala que não pode **desobedecer**); **desculpar** (quando a criança comete algum erro e pede desculpas e a mãe lhe diz que irá “**desculpar**”), **desapegar** (quando a mãe diz a criança que as roupas e sapatos que não servem mais devem ser doados para outra criança que precise, pois é preciso **desapegar** das coisas que não nos servem mais), **desrespeitar** (quando a criança tem uma atitude desrespeitosa e a mãe lhe adverte que não pode **desrespeitar** as pessoas).

## II - O verbo chafarar

O verbo **chafarar** foi dito com o verbo na forma nominal em gerúndio, onde ao passar diante do chafariz e o mesmo estando desligado, a criança observou então que o chafariz não estava “**chafarando**”. O verbo **chafarar**, dito na forma nominal de gerúndio, indica uma ação contínua produzida pelo chafariz, assim como fazem o **serrote/serrando**, o **martelo/martelando**, o **ventilador/ventilando** e o “**chafariz/chafarando**”.

## III - O adjetivo peitoso (a)

O adjetivo **peitoso** foi dito na forma feminina (**peitosa**) pela criança, que se reportou ao pai dizendo preferir estar no colo da mãe que é mais aconchegante em comparação com o do pai, pelo fato da mãe ser uma “**peitosa**”. Os sufixos **–ent –os**



e **-ud**, segundo Rio –Torto, “em virtude do semantismo que codificam estes sufixos combinam-se com bases que denotam matérias, substâncias” (2013, p. 253). A autora nos traz os exemplos de: **argiloso**, **leitoso**, **venenoso**, assim ainda que “o sufixo **-ud-** combina-se com nomes de partes do corpo” (RIO-TORTO, 2013, p.253), a criação analógica da criança ocorreu com o uso do sufixo **-os**, pois queria demonstrar “algo que a mãe possuía e o pai não”.

Ao dizer a palavra **peitosa**, a criança, por saber que a mãe é um ser feminino, consegue automaticamente também fazer a analogia de que seria **peitosa** e não **peitoso**. **Peitoso** tem relação semântica com as palavras: **gorduroso(a)** (palavra que a criança escuta quando por exemplo vai comer um pastel e então fica com a mão **gordurosa**, pois tem gordura); **cremoso(a)** (quando toma um cappuccino com chantilly, o cappuccino fica cremoso, porque tem creme); **cheiroso(a)**, (quando a criança lava o cabelo e então escuta que o cabelo está cheiroso porque tem cheiro) etc.

#### IV- Os substantivos **milkshakeria** e **lancheria**

O substantivo **milkshakeria** foi dito como uma observação da criança em apontar para a mãe que não gostaria de ir a uma sorveteria, pois não queria tomar um sorvete, mas sim um milk-shake, e que por isso deveriam ir a uma **milkshakeria**. O substantivo **milkshakeria** foi criado por analogia do sufixo **-ria** com valor semântico de local onde se fabrica algo, como **pastelaria**, **doceria**, **pizzaria** e **sorveteria** (argumento apresentado pela criança, como local que vende sorvete e não milk-shake). De modo semelhante a **milkshakeria** foi dito **lancheria**, momento em que a criança disse que gostaria de ir jantar em uma **lancheria** para poder comer um lanche.

A criatividade aliada aos conhecimentos linguísticos já adquiridos pela criança, permitiu as criações citadas anteriormente, sendo que, “a formação de lexemas não atestados é muito comum por parte da criança, no período em que constrói indutivamente as regras derivacionais da sua língua” (CLARK & CLARK, 1979, *apud* RIO-TORTO, 2013, p. 83).

#### Considerações finais

Através do Princípio Analógico, a comunidade linguística pode realizar criações lexicais, ainda que não tenha conhecimentos estruturais da língua de maneira

aprofundada. Assim, crianças ainda pequenas conseguem por meio do Princípio Analógico realizar criações lexicais a partir de seus conhecimentos semânticos e morfológicos.

As criações lexicais realizadas podem vir a não ser criações neológicas, pois podem se encontrar presentes na língua, ainda que de maneira não usual por parte da comunidade linguística em questão. Todavia, essa criação lexical mostra a competência linguística e evidencia a capacidade do uso do Princípio Analógico na criação de neologismos.

## Referências

ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise linguística. In. ALVES, Maria Ieda; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007, p.77-92.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismos: criação lexical**. 3ª Edição. São Paulo. Ática. 2007

BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas**. Vol.1., n. 1. Juiz de Fora. 2016. p.9-21. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25379> Acesso em 26 abr. 2023.

BEZERRA, Francinalva Andrade. Os diferentes conceitos de gramática nos estudos linguísticos. **Letra Magna**. São Paulo. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/317575978/Diferentes-Conceitos-de-Gramatica> Acesso em 26 abr. 2023.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LIMA, George Almeida et al. **Interfaces da linguagem: escola e cultura**. 2020. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22142/17688> Acesso em 26 abr. 2023.

MARONEZE, Bruno Oliveira. As concepções saussurianas de formação de palavras. **REVEL**. 2008. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931

MARONEZE, Bruno Oliveira. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. 2011. Tese de Doutorado.

MIRANDA, Maria Irene. Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. **Ensino em Re-vista**, v. 13, n. 1, p. 7-28, 2005.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola. 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl. O problema da afetividade em Vygotsky. In. TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotsky, Wallon, Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2019, p.115-131

RADAELLI, Maria Eunice Barth. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. **Revista Thêma et Scientia**, v. 1, n. 1, 2011.

RIO-TORTO, Graça, et al. **Gramática Derivacional do Português**. 2. ed. Coimbra. 2013.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 2006.